



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Ano da Mulher no Brasil e apresentação do Pacto pela Redução da Mortalidade Materna e Neonatal, durante o café da manhã com funcionárias do Palácio do Planalto em homenagem ao Dia Internacional da Mulher

Palácio do Planalto, 08 de março de 2004

Minha querida companheira Nilcéa Freire, secretária Especial de Política para as Mulheres,

Minha companheira Marisa,

Minha querida Marina,

Minha cara Maria Inês da Silva Barbosa, secretária Interina de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Meu querido companheiro Humberto Costa,

Meu companheiro Luiz Dulci, que está aí, no meio de vocês, tomando café,

Meu companheiro Nilmário Miranda,

Minha querida deputada Jandira Feghali,

Senhora Paula Viana, representante da Rede Feminista de Saúde,

Minhas companheiras servidoras do Estado brasileiro,

Não vou fazer discurso, porque seria redundância repetir aqui o que disse o Humberto Costa, o que disse a Jandira e o que disse a representante feminista.

Quero apenas lembrar a vocês que neste “café” não estava previsto discurso. Era um “café”. Mas não teve “café” e já houve um monte de discursos aqui.

Eu fico pensando, Nilcéa, o avanço que as mulheres conquistaram



nesses últimos anos no Brasil. Se nós olharmos um pouco para trás, vamos perceber que os avanços das mulheres no Brasil, possivelmente no mesmo espaço de tempo, tenham sido, quem sabe, uma conquista maior do que em outros países. E muita coisa aconteceu, deputada Jandira, depois da Constituição de 88, que estabeleceu as linhas mestras dos direitos da universalidade das conquistas das mulheres e, agora, temos a obrigação de fazer os arranjos para que esses direitos sejam consolidados.

Não é de hoje que é proibido à mulher ganhar menos que o homem. Há muitos anos, a lei diz que não pode haver separação dentro do mesmo ambiente de trabalho entre mulheres e homens. Entretanto, isso continua a existir, mesmo a lei proibindo. Mas, se formos analisar, vamos perceber que as mulheres, também nesse campo, conquistaram espaços muito importantes.

E é importante lembrar que essas coisas nunca acontecem de graça, há sempre um movimento organizado, sempre tem alguém que sai na frente, briga, luta, para que a gente vá conquistando o nosso espaço.

Lembro que, quando chegamos na Constituinte, em 1987, aquela Casa não estava adequada para receber mulheres. Lembro que, no cafezinho, por exemplo, só tinha um banheiro para homem, não tinha banheiro para mulher. Ou seja, a Casa da Democracia no Brasil, em 1987, não estava preparada para receber a quantidade de mulheres que veio participar da Constituinte. E acho que essa foi a conquista mais significativa das mulheres, o fato de as mulheres se descobrirem para a vida política brasileira.

Só tenho 58 anos de idade. Comecei a fazer sindicalismo com 23, mas sou de um tempo em que sindicato era coisa de homem, não era coisa de mulher. Lembro que, nas assembléias, muitas vezes, eu e Marisa tínhamos que fazer apelo para que os trabalhadores levassem as mulheres às assembléias, para que elas não fossem adversárias quando eles estivessem fazendo greve, porque, na época, os empresários trabalhavam muito isso, ou seja, faziam pressão econômica para que as mulheres fizessem pressão em



cima do marido para este não fazer a greve. Levar as mulheres ao estádio era quase uma obrigação nossa, para mostrar que elas tinham que ser parceiras daquele movimento para que os maridos tivessem nelas um apoio e não alguém tentando forçá-los a fracassar o seu movimento.

Hoje, as mulheres dirigem grande parte dos movimentos sindicais neste país. As mulheres estão nos partidos políticos, estão no poder judiciário, estão governando prefeituras, estão governando estados. Eu espero que pare por aí, que não queiram muito mais do que isso.

Mas eu acho que as mulheres conquistaram espaço extraordinário, sobretudo o espaço da consciência, de que têm direitos, não apenas obrigações.

Agora tem um “quezinho” nessa questão de gênero que a gente não vai conseguir resolver com lei, que é uma questão cultural, que é a violência a que a mulher é submetida dentro do seu lar.

Nós tivemos uma experiência, Nilcéa, que é exemplar, deve ter em outras cidades, mas na cidade de Diadema, quando se criou uma lei municipal proibindo os bares de funcionarem a partir das 11 horas da noite, num primeiro momento houve uma certa rebelião dos homens que não se contentavam dos bares fecharem àquela hora. Mas nas pesquisas de opinião pública, 100% das mulheres concordavam que os bares fechassem até mais cedo, porque era a chance que elas tinham de ver os seus companheiros chegarem em casa mais cedo, sem terem tomado nenhuma bebida alcoólica. Portanto, diminui muito o ímpeto da violência.

Essa é uma questão que nós vamos resolver. Primeiro, com a exigência do cumprimento da legislação existente, mas esta é, sobretudo, uma questão cultural.

Mesmo quando as mulheres têm uma atividade importante, quando a mulher é profissional liberal, quando a mulher tem uma vida própria, ainda assim ela tem uma dupla jornada que muitas vezes os homens não têm.



É preciso consciência para que o companheiro reparta dentro de casa as tarefas que não são obrigação apenas de uma pessoa.

Eu acho que isso vem com o tempo, isso vem na hora que a gente começar a dar a educação correta para a criança na escola, na hora em que a criança começa a aprender isso no ensino profissional, no ensino técnico, na universidade. Certamente, nós estaremos dando passos importantes para criarmos uma geração, eu diria, muito melhor civilizada do que a que nós temos hoje e muito melhor relacionada do ponto de vista do entendimento entre homens e mulheres.

Eu quero dizer que este “café da manhã” foi uma forma de simbolizar uma homenagem às mulheres. Nós tínhamos pensado em fazer uma reunião, em trazer personalidades. Nós tínhamos pensado num monte de coisas. Aí apareceu a idéia. Por que não encontrar com aquelas que trabalham o ano inteiro aqui dentro? Muitas vezes a gente nem sabe que elas trabalham aqui e elas sabem que tal pessoa é Presidente da República mas nunca conseguem sequer ver esse tal Presidente, que às vezes trabalha em cima delas – um andar acima ou um andar abaixo –, mas não se vêem e não se conhecem. Então, o que eu quero dizer para vocês é que neste dia vocês precisam colocar na cabeça que as conquistas que as mulheres ainda precisam alcançar não será benevolência nem dádiva de nenhum presidente da República, de nenhum senador da República, de nenhum deputado. Será conquista das mulheres. Portanto, vocês têm consciência de que a luta não terminou. Já conquistamos muita coisa, mas temos muita coisa para conquistar e eu sou testemunha de que a consciência política faz a espécie humana evoluir.

Eu sou filho de uma mulher que nasceu analfabeta, teve 12 filhos – quatro morreram antes de completar 30 dias de vida –, morreu analfabeta, mas na primeira tentativa de violência contra ela – feita pelo seu marido –, ela simplesmente rompeu com ele, foi viver sozinha com oito filhos e provou que quando a mulher tem garra, determinação, ela não tem que ficar dependendo



de uma pessoa que às vezes ao invés de ajudar, atrapalha.

Vocês conseguiram chegar a um nível de escolaridade muito maior, conseguiram certa independência econômica. E a independência econômica é fundamental nessa relação. Quanto mais independência econômica, mais a mulher se sente livre para dizer: “Olhe, eu existo e não quero ser tratada como cidadã de segunda classe. Quero ser tratada com respeito, porque eu mereço isso.”

Então, minhas queridas, quero agradecer a vocês, agradecer à Marisa, que me faz compreender melhor o papel das mulheres, e dizer que espero que a gente transforme este ato de hoje numa coisa cultural, para que, todos os anos, ao invés de a gente sair procurando mulheres para homenagear, a gente lembre que há muitas mulheres aqui que merecem ser homenageadas todo dia, todo mês e, principalmente, no Ano das Mulheres.

Meus parabéns ao Dia das Mulheres.

Só um dado aqui: a companheira Nilcéa falou da Lúcia Previato, que é uma cientista brasileira que está, neste momento, recebendo um prêmio da Unesco, um prêmio de Ciência. Outra coisa importante: a nossa querida Daiane, ontem, ganhou outro ouro, com outro salto monumental.

Portanto, as mulheres não têm que pedir licença.

/lrj/cms